

SERRANO MADROÑAL, Raul, *Los circunceliones: fanatismo religioso y descontento social en el África tardorromana*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Coll. Nueva Roma 51, 2020, 263 pp. ISBN: 978-84-00-10642-3.

Todo o século IV é atravessado por um sentimento de insularidade, no qual tanto as elites como os mais humildes populares experimentaram impulsos alienantes de afastamento das comunidades cívicas. As fórmulas tradicionais de poder e de organização tornaram-se impotentes para dar resposta às inquietudes de muitos setores da população, que desta forma procuraram soluções alternativas: o ascetismo cristão encontra comparação no *secessus in villam* de Ausonio (Carneiro, 2016: 85-88), a busca introspetiva de harmonia entre o *dominus* e a ordem natural que o envolve no retiro bucólico da sua *villa*. Se este movimento é muitas vezes empreendido de forma solitária, também reveste a forma de pequenos grupos e associações, como a comunidade liderada por Paulino de Nola. Mais radical e expressando outro tipo de fugas e soluções são os movimentos de dissolventes promovidos por fações sociais inteiras, como os mal conhecidos *Bagaudas* na *Hispania*.

O Norte de África assiste a este tipo de *praxis* de afastamento individual ou grupal, agravado por tensões sociais e querelas teológicas que aprofundam e extremam as oposições. Um dos mais radicais movimentos consistiu nos designados *circumcelliones*, um heterogéneo grupo de pessoas (homens e também mulheres, como a *Ep.* 35 de Agostinho (p. 87) explicitamente refere) dedicados a ações extremistas e que estiveram ativos nas paisagens rurais do Norte de África (em especial na província da Numídia) durante os finais do século IV e inícios do V. A eles, dedica Raul Serrano Madroñal uma monografia resultante da tese de Doutoramento defendida na Universidad Complutense de Madrid (área de História Antiga), que procura realizar uma recolha exaustiva de todas as fontes que os referem de forma direta ou indireta: documentação escrita de âmbito literário e jurídico (p. 71-193), testemunhos arqueológicos e fontes epigráficas (p. 195-211). O volume é antecedido de uma contextualização sobre o debate teológico do cristianismo norte-africano (p. 25-69) e encerra com uma análise crítica sobre o debate historiográfico produzido desde o século XVI até à atualidade (p. 213-235), sendo pontuado por numerosos textos de reflexão e síntese no final de cada parte.

O fenómeno dos *circumcelliones* é particularmente interessante porque possibilita várias leituras que os procuram compreender e enquadrar a partir

de *partis-pris* simultaneamente da época e dos momentos em que cada historiador trabalhou. Podemos considerar que tal faz parte de qualquer análise historiográfica: como é natural, cada historiador é filho da época em que vive, como se relembra nas conclusões finais. Mas neste tema confluem vários interesses que contaminam o ângulo de análise: os autores cristãos procuraram desacreditar e reduzir os *circumcelliones* a fanáticos de uma causa condenada; a análise marxista quis ver motivações “revolucionárias” no âmbito da luta de classes promovida por proletários sem terra; na etapa pós-colonial procurou-se perceber um movimento nativista que almejava a libertação do jugo imperialista romano. Esta diversidade de leituras enviesadas também se baseiam na ausência de qualquer texto ou relato deixado pelos próprios, visto que todos os testemunhos que chegaram até nós são do punho de autores católicos, em especial de Santo Agostinho.

Esta circunstância leva a que, em rigor, não saibamos devidamente quem são os *circumcelliones*. O étimo tem sido tradicionalmente interpretado como referindo-se aqueles que vagueavam em torno das *cellae* dos templos, dedicando-se a ações extremistas de ataques e dismantelamentos das religiosidades pagãs, à semelhança dos “wandering monks” conhecidos para o espaço oriental (Caner, 2002). Por extrapolações forçadas a partir da legislação jurídica conhecida e do célebre “ceifeiro de Mactar” (*CIL VIII 11824 = ILS 7457 = CLE 1238*) gerou-se uma linha interpretativa que os via como trabalhadores agrícolas itinerantes, vivendo de tarefas pontuais (p. 175-177). O autor, analisando de forma cuidada o texto literário (*Contra Gaudencio* de Agostinho) interpreta as *cellae* designadas *rusticanae* como sendo os locais de armazenamento de produções agrícolas – ou seja, vagueavam em torno a celeiros rústicos onde se guardavam provisões (p. 125, nota 280; ver também p. 119, nota 248 e p. 171). Não se exclui que também procurassem os *loca sanctae* rurais, visto que Agostinho relata que procuravam abrigo junto dos sepulcros dos mártires, onde realizavam festejos e banquetes (*Ep.* 29, p. 86). Certo é que a designação nunca foi empregue pelos próprios, que se apelidavam de *agonistici*, remontando ao significado etimológico do termo nas epístolas paulinas (p. 157).

Apesar dos inúmeros desconhecimentos que rodeiam estes “coletivos ascéticos” (p. 239), alguns dados concretos existem. Por exemplo, fica patente o substrato indígena destes elementos, que habitavam o território rural da Numídia, sendo púnico-falantes (*Ep.* 108 de Agostinho; veja-se a nota 192 da p. 110). É esta condição, aliás, que sustentou as teses nativistas. Dedicavam-se a atos de extrema violência, dirigidos contra pagãos mas

também contra membros da Igreja católica. Neste âmbito, é necessário lembrar que se trata de um território complexo, pleno de clivagens culturais, sociais e religiosas: note-se desde logo a oposição entre mundo urbano e rural, visto que as cidades são bastiões de elites com grande protagonismo nos cargos políticos, militares e religiosos, ligados à hierarquia católica e de acentuado cosmopolitismo. O próprio Agostinho, plenamente inserido nos circuitos de poder e influência (baptizado por Ambrósio aquando dos seus estudos em Milão, sendo este uma figura nuclear nos processos de apelação e articulação com o poder imperial), é um exemplo. Esta fratura social reflete uma outra, a querela de âmbito teológico entre *laxistas* e *intransigentes*, ou seja, entre católicos e donatistas, sendo que os *circumcelliones* eram vistos como o “braço armado” destes últimos. Note-se que os donatistas apelaram para Juliano, o que é revelador das distintas esferas de relação (p.68). Relembre-se ainda que as milícias atuavam sobretudo a partir dos territórios rurais, na época controladas à distância a partir das cidades, nas quais os substratos indígenas de raiz tribal geriam de modo quase autónomo as comunidades locais (Shaw, 2011). Desta forma, estas atuações violentas dirigiam-se também contra os agentes imperiais, em especial os cobradores de impostos, havendo frequentes represálias imperiais que consistiam na confiscação de bens a proprietários coniventes (o que nos indica que não eram apenas “descamisados” os que procediam aos tumultos – ver p. 58, citando o *Cod. Th.* XVI, 6, 4).

Em todo este cenário surge como pano de fundo o papel de alguns autores na assunção de um cristianismo norte-africano de forte pendor combativo e de “ódio impetuoso hacia el adversario” (p. 33) como o proposto desde Tertuliano e Cipriano, o que motiva uma retórica agreste e uma *praxis* que assume grande radicalidade. Em tempos de acentuada mudança, em si mesma propícia a conflitualidades, este pano de fundo ainda mais exponenciou o confronto social e o clima de agressividade.

Em resumo, trata-se de uma monografia da maior utilidade para o conhecimento de uma época complexa. A reunião e análise da massa documental existente é de grande interesse, em especial porque o autor decidiu, de forma justa, reunir os testemunhos arqueológicos e epigráficos passíveis de relação com os acontecimentos. A análise e enquadramento histórico estão corretos e a leitura historiográfica apresenta grande lucidez e capacidade crítica, apenas sendo de notar a ausência da obra de Michael Gaddis (2005), que apresenta dois capítulos inteiros com profusas referências aos *circumcelliones* (cap. 3 e 4, p. 103-150).

Bibliografia

- Carneiro, A. (2016), “A *villa* romana, entre a construção literária e a realidade construída”, *Anales de Arqueología Cordobesa* 27: 77-96.
- Caner, D. (2002), *Wandering, begging monks. Spiritual authority and the promotion of monasticism in Late Antiquity*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Gaddis, M. (2005), *There is no crime for those who have Christ. Religious violence in the Christian Roman Empire*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Shaw, B. D. (2011), *Sacred violence. African Christians and sectarian hatred in the age of Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press.

ANDRÉ CARNEIRO

ampc@uevora.pt

Universidade de Évora, CHAIA-UÉ, CECH/FLUC

<https://orcid.org/0000-0002-0824-3301>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_77_14